



CONJUNTURA

Distribuição de renda nos anos 90 (II)

Analisamos a distribuição de renda num sentido amplo, incluindo desigualdade, crescimento e risco. Hoje, abordamos o período pós-Real. A retirada da alta incerteza gerou ganhos diretos de bem-estar, induzindo uma fase de euforia social que durou até 1996. Entre 1993 e 1996, os diversos grupos de renda perceberam aumentos de renda similares, em torno de 8% ao ano.

Em seguida, o país ficou exposto a choques externos. A natureza da incerteza percebida neste período é diferente do aspecto cotidiano daquele observado na inflação crônica. É uma fase de incerteza crítica no sentido de uma crise aguda que estaria ainda por vir. Os resultados observados a posteriori evidenciam que nem os pobres, nem a elite ou mesmo a classe média apresentaram quedas absolutas de renda no período 1996 a 1998, apesar de ser detectado forte aumento no desemprego metropolitano. O Brasil se defrontou com a possibilidade de uma grande deterioração, como as ocorridas na Ásia e na Rússia em 1997 e 1998. Em termos agregados, havia a possibilidade de um choque de proporções consideráveis. Os cidadãos passaram a conviver de perto com a possibilidade de desemprego de longa duração. Não falamos de uma sucessão de pequenos choques micro ou macroeconômicos, como no período anterior, mas da expectativa de choques não triviais.

Em 1999 o Brasil foi bola da vez, e para a surpresa da maioria o país não acabou. O aumento da inflação e do desemprego observados após a desvalorização ficaram aquém do esperado. A dissipação da incerteza crítica contribuiu para o aumento de investimentos domésticos e estrangeiros e para a contratação de mão-de-obra formal, mas isso é uma outra história.